

Brasília não é maquete

Brasília é uma cidade viva, não é uma maquete. A frase, pinçada de uma nota do Sindicato dos Arquitetos, sintetiza bem o que pensam não só muitos de seus associados como uma significativa parcela da população brasiliense. Brasília é uma cidade que existe há quase 30 anos, pois devemos contar o período da construção, e tem uma população que vive, trabalha, diverte-se, estuda. Não pode mais ser tratada como uma maquete, por melhores que sejam as intenções dos que assim fazem.

As reações do Sindicato dos Arquitetos e do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília ao projeto de expansão do Plano Piloto mostram muito bem o sentimento de profissionais que vêm sendo marginalizados do processo de busca de soluções para os problemas urbanísticos da capital da República.

O que os arquitetos querem é participar, opinar, defendendo ao mesmo tempo a imprescindível consulta aos diversos setores da sociedade quando se trata de estabelecer uma política que diz respeito à população. Em uma cidade viva, nem mesmo seus criadores têm o direito de fazer o que querem, sem ouvir a comunidade. Em uma maquete, pode ser diferente.

E interessante observar que, respeitavelmente, nem o Sindicato nem o IAU da UnB criticam de modo definitivo o projeto de expansão. Levantam uma preliminar: a falta de debate. O professor Frederico Holanda, da UnB, avança em algumas críticas, dúvidas e ponderações, mas ressalvando que tudo deve ser melhor discutido e propondo a realização de um seminário sobre o assunto.

O governador José Aparecido pode reabrir a discussão sobre o projeto de expansão do Plano Piloto, convidar a comunidade a debatê-lo, ouvir sugestões. Nada terá a perder e a cidade só tem a ganhar. Mas o caminho não é simplesmente entregar à Universidade de Brasília os estudos para o assentamento definitivo da Vila Paranoá.

Estes planos devem ser analisados e estudados em conjunto, como propõe o IAU, ou seja, é preciso ter uma visão global do problema da ocupação territorial do Distrito Federal. Não adianta apresentar soluções parciais e algumas vezes paliativas.

Brasília, que já elegeu sua primeira representação política, não pode ficar só nisso. A população, como os arquitetos, quer participar.